

A NASAL PALATAL NO SUL AMAZONENSE

Edson Galvão Maia¹

Resumo: Esta pesquisa analisa a realização fonética da nasal palatal no Sul Amazonense, a partir do corpus utilizado para a elaboração do Atlas Lingüístico do Sul Amazonense - ALSAM. O fonema realizou-se prioritariamente como semivogal nasalizada, seguida da realização palatal e do apagamento. Na dimensão diatópica, observou-se uma distribuição em duas áreas: em Manicoré e Borba predomina a palatal e nos demais municípios a semivogal. A análise multivariada mostrou que a semivocalização é favorecida pela presença do fonema na sílaba tônica e quando a palavra não apresenta sufixo de diminutivo; já o apagamento é favorecido pela presença em sílaba átona e quando a palavra apresenta sufixo de diminutivo.

Palavras-chave: : Dialectologia Pluridimensional; Sul Amazonense; Nasal Palatal.

The nasal palatal in the South of the state of Amazonas

Abstract: This research analyzes the phonetic realization of the nasal palatal in South of the state of Amazonas, based on the corpus used to prepare the Linguistic Atlas of the South of the State of Amazonas - ALSAM. The phoneme was primarily realized as a nasalized semivowel, followed by palatal realization and deletion. In the diatopic dimension, a distribution in two areas was encouraged: in Manicoré and Borba the palatal predominates and in the other municipalities the semivowel. Multivariate analysis showed that semivocalization is favored by the presence of the phoneme in the stressed syllable and when the word does not have a diminutive suffix; The deletion is favored by the presence of an unstressed syllable and when the word has a diminutive suffix.

Keywords: Multidimensional Dialectology; South of the State of Amazonas; Palatal Nasal.

INTRODUÇÃO

A variação fonética do Português Brasileiro a muito vem sendo alvo dos estudos de pesquisadores das diferentes correntes teórico-metodológicas existentes, seja para caracterização das variedades linguísticas, para a identificação e distribuição geográfica de variantes, para o reconhecimento dos fatores condicionadores da variação, para a inclusão de regionalismo nos dicionários e vocabulários, para a verificação de como reagem os falantes mediante a sua e

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5708-0983>, E-mail: edson.galvao@ifam.edu.br.

mediante a variedade de outros falantes, seja para contribuir para um ensino de língua que considere as particularidades regionais.

Uma dessas variáveis que se encontra na agenda dos pesquisadores é a nasal palatal, a qual ocorre, por exemplo, nos vocábulos *amanhã*, *senhor* e *espinha*. Esse ambiente fonológico possibilita a ocorrência de diversos fenômenos como a *semivocalização* (*amanhã* - [amãj'ỹã]), a *palatalização* (*senhor* - [sẽ'ɲoh]) e o *apagamento* (*espinha* - [ɛf 'pĩa]). Em dois atlas regionais amazonenses, o *Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM* (Cruz, 2004) e o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro - ALFARIÑ* (Justiniano, 2012), a palatalização apresenta raras ocorrências. Quando não ocorre o apagamento do fonema, esse é substituído prioritariamente por uma semivogal nasalizada, ou ainda por uma nasal palatalizada ([ɛs'pĩ̃'ɲa]).

Considerando esse quadro de possibilidades, esta pesquisa inscreve-se na perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional (Thun, 1998) e tem por objetivo analisar o comportamento fonético da nasal palatal no Sul Amazonense, observando a relevância de condicionadores linguísticos e extralinguísticos na caracterização dessa variável nas localidades investigadas. Trata-se de um recorte da tese de doutorado de Maia (2018), intitulada *Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM*, e defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina - UEL.

Tal recorte se justifica pela abrangência dessa tese, a qual aborda não apenas os aspectos fonéticos-fonológicos, mas também os aspectos semânticos lexicais do falar da Mesoregião. Por meio deste artigo, será possível apresentar maior detalhamento dos resultados apresentados na tese, detalhamento impossibilitado pela natureza do trabalho de conclusão de curso, enquanto atlas linguístico. Partiu-se, dessa maneira, do princípio de que o fenômeno em estudo se revelou um ambiente profícuo não apenas para delimitar áreas dialetais, mas também para uma análise à luz das variáveis linguísticas - como tonicidade e presença em sufixo de diminutivo - e extralinguísticas, tais como sexo, idade e escolaridade dos informantes.

O texto apresenta, assim, a seguinte estruturação: inicialmente, na primeira seção, apresenta-se um breve panorama da realização do fonema nasal palatal no Amazonas, a partir das pesquisas dialetais realizadas. Em seguida, na segunda seção, apresenta-se o tema central do artigo - a nasal palatal no Sul Amazonense - a partir da descrição da metodologia utilizada pelo ALSAM e da análise

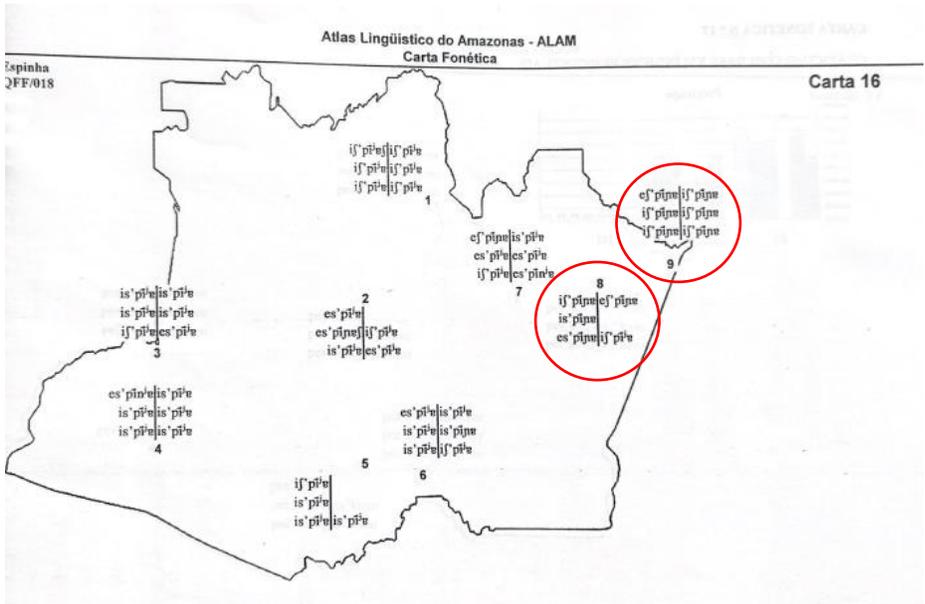
estatística realizada a partir dos dados coletados para o atlas, considerando os fenômenos de semivocalização, palatalização e apagamento do fonema.

A NASAL PALATAL NO AMAZONAS

No Amazonas, os estudos dialetais têm início na década de 1980 (Corrêa, 1980; Silva, 1980), porém é o *Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM*, defendido como tese de doutorado por Maria Luiza de Carvalho Cruz, em 2004, que apresenta o primeiro panorama linguístico dos falares amazonenses. O ALAM conta com uma rede de pontos de nove localidades representativas das nove microrregiões amazonenses - Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (Microrregião do Juruá-Solimões-Juruá), Benjamim Constant (Microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Humaitá (Microrregião do Madeira), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Microrregião do Médio Amazonas) e Parintins (Microrregião do Baixo Amazonas), onde foram entrevistados, por meio de questionário fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL), 53 informantes naturais das localidades, analfabetos ou com no máximo o ensino primário, estratificados em sexo e idade (três faixas etárias: 18-35, 36-55 e 56 anos em diante).

Dentre os variados fonemas investigados, esse atlas também analisa a nasal palatal, a partir de 7 cartas fonéticas: 16 - *espinha*, 44 - *conheço*, 69 - *pamonha*, 93 - *amanhã*, 13 - *peixinho*, 39 - *botinho* e 64 - *canoinha*. No que se refere aos resultados, de maneira geral, a nasal palatal mostra-se pouco produtiva nos falares amazonenses. Geralmente, ocorre o apagamento dessa consoante e o espraçamento do traço nasal para a vogal antecedente com a inserção ou não de uma semivogal - [pej'fĩ] para *peixinho*, [pã'mõjya] para *pamonha* - ou, ainda, o uso de uma variante palatalizada [n'] - [eɸ 'pñ'a]; porém observando os mapas atentamente, pode-se notar que a palatalização, quando ocorre concentra-se nos pontos 8 e 9, ou seja, nas localidades de Itacoatiara e Parintins (Médio e Baixo Amazonas), conforme se observa na carta a seguir:

Figura 1: Carta Fonética 16 - Espinha, do Atlas Linguístico do Amazonas



Fonte: ALAM (Cruz, 2004), grifo nosso

A publicação do ALAM possibilitou a realização de outras pesquisas descritivas, principalmente no âmbito fonético, seguindo a mesma metodologia, com o intuito de ampliar as áreas investigadas. Dessa iniciativa, surgem outros dois atlas fonéticos de pequeno domínio no Amazonas: o *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas - AFBAM* e o *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro - ALFARiN*. O primeiro não apresentou um estudo sobre a nasal palatal; por sua vez, o segundo mostrou que na Microrregião do Alto Rio Negro esse fonema se realiza como vogal alta nasal [ĩ] (o que corresponde ao apagamento) e semivogal nasalizada [ỹ] em 92,6% dos casos, restando apenas 7,3% dos casos em que se realiza como palatal, conforme já sinalizavam os estudos do ALAM. Observa-se ainda que os casos de palatalização registrados na Microrregião se restringem à localidade de São Gabriel da Cachoeira, na fala dos homens, especialmente os mais velhos.

Torres (2009), estudando os municípios de Itapiranga e Silves, no Médio Amazonas, e também seguindo a metodologia do ALAM, observou que, nessas localidades, a nasal se realiza predominantemente como palatal, mas se registram

realizações vocalizadas e o apagamento. Considerando a dimensão diassexual, a autora concluiu que em Itapiranga, os falantes do sexo masculino tendem a palatalizar e, os do sexo feminino alternam entre a palatalização e a vocalização, ao passo que em Silves os dois gêneros apresentam oscilação entre a palatalização e a vocalização. Quanto à dimensão diageracional, observou forte tendência à palatalização na primeira e na terceira faixa etária, enquanto a segunda faixa apresenta flutuação entre a palatalização e a vocalização.

Dessa forma, considerando os trabalhos dialetais publicados, observam-se no Amazonas as seguintes variantes para o fonema nasal palatal, a depender da região do falante e do contexto linguístico em que se insere:

- a) *Nasal palatal* - [ɲ] - [pã'mõɲa] (pamonha)
- b) *Nasal Palatalizada* - [ɲⁱ] - [pe'kõnⁱa] (peconha)
- c) *Semivogal nasalizada* - [ỹ] - [kõj'ỹesũ] (conheço)
- d) *Zero fonético (apagamento)* - [is 'pã] (espinha)

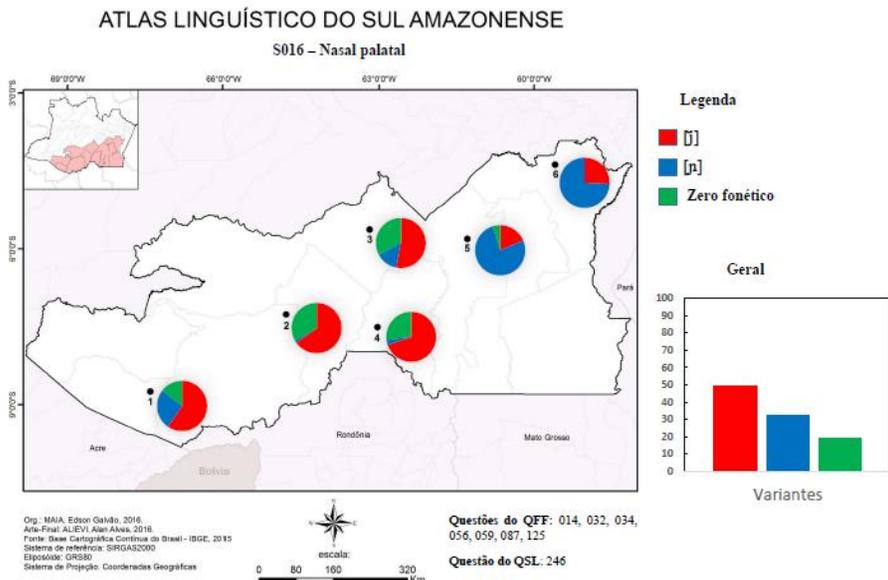
Apenas nas regiões mais próximas ao estado do Pará, a palatalização é mais frequente, como é o caso do Médio e Baixo Amazonas (Itacoatiara, Parintins, Itapiranga e Silves).

UMA NASAL PALATAL NO SUL AMAZONENSE: RESULTADOS DO ALSAM

O *corpus* analisado neste artigo compõe-se dos dados referentes à nasal palatal, coletados para a elaboração do *Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM*, nas localidades de Boca do Acre (Ponto 1), Lábrea (Ponto 2), Tapauá (Ponto 3), Humaitá (Ponto 4), Manicoré (Ponto 5) e Borba (Ponto 6). A coleta de dados do ALSAM foi realizada por meio dos questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL), aplicados a 48 informantes naturais das localidades, estratificados em sexo, idade (20 - 35 anos e 50 - 65 anos) e escolaridade (4 - 7 anos e 10 - 13 anos).

A análise da nasal palatal considerou as respostas a oito questões: *QFF 014 - espinha, 032 - botinho, 056 - canoinha, 034 - conheço, 059 - pamonha, 087 - amanhã, 125 - senhor* e *QSL 246 - peconha*. As respostas a essas questões totalizaram 378 ocorrências do fonema. Os resultados gerais observados estão cartografados na carta-síntese S016:

Figura 2 - Carta Síntese S016 - Nasal Palatal, do Atlas Linguístico do Sul Amazonense



Fonte: ALSAM (Maia, 2018)

A nasal palatal realiza-se na Mesorregião majoritariamente como semivogal nasalizada [ɲ̃], com 48,1% das ocorrências, no entanto a nasal palatal [ɲ] apresenta índices consideráveis de 32%, sendo a variante mais frequente nos pontos 5 e 6, Manicoré (76,6%) e Borba (74,2%), respectivamente. O apagamento representa 19,6% dos dados, sendo mais frequente nos pontos 2 e 3, Lábrea e Tapauá (33%, em ambas).

No ALAM, as variantes zero fonético (apagamento) e semivogal nasalizada foram agrupadas para representar a não-ocorrência da nasal palatal. Também se observou separadamente o fonema nas palavras em que ele se encontrava no sufixo de diminutivo *-inho*. Assim, excetuando as ocorrências da nasal palatal no sufixo de diminutivo (nos quais as não-ocorrências chegam a 85%), as não-ocorrências de nasal palatal, no ALAM, somam 69,7% das realizações do fonema, enquanto as ocorrências chegam a 30,3%. Da mesma forma, se se agrupam os dados de apagamento e semivocalização registrados no ALSAM, observa-se que os resultados registrados no Sul Amazonense se aproximam dos do ALAM: 68% de não-ocorrências contra 32% de ocorrências de palatalização.

Para este artigo, realizou-se uma análise estatística a partir do pacote *Goldvarb X*, considerando as variáveis independentes e fatores, de acordo com o quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Variáveis independentes consideradas na análise do comportamento da nasal palatal no Sul Amazonense

Variáveis independentes	Fatores	Exemplos
Localidade	Boca do Acre	
	Lábrea	
	Tapauá	
	Humaitá	
	Manicoré	
	Borba	
Sexo	Masculino	
	Feminino	
Escolaridade	4 a 7 anos	
	10 a 13 anos	
Idade	20 a 35 anos	
	50 a 65 anos	
Tonicidade	Em sílaba tônica	<i>conheço, amanhã</i>
	Em sílaba átona	<i>peconha, canoinha</i>
Presença em sufixo de diminutivo	Sim	<i>canoinha, botinho</i>
	Não	<i>espinha, pamonha</i>

Fonte: Elaboração do autor

Após codificação, foram realizadas três rodadas, considerando os fenômenos de semivocalização, palatalização e apagamento do fonema. Os resultados estão apresentados a seguir.

a) Semivocalização da nasal palatal no Sul Amazonense

Na rodada que considerou como regra de aplicação a variante semivogal nasalizada [ỹ], as variáveis independentes selecionadas, em ordem de relevância foram *presença em sufixo de diminutivo*, *localidade*, *tonicidade* e *idade*, cujos resultados encontram-se nas tabelas de 1 a 4, a seguir:

Tabela 1 - Frequência e probabilidade de semivocalização da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável presença em sufixo de diminutivo

Presença em sufixo diminutivo	Aplicação / Total	%	P.R.
Não	173/283	61,1	0.670
Sim	9/95	9,5	0.109

Input 0.436

Log likelihood -170.162

Significance 0.041

Fonte: Elaboração do autor

De acordo com a Tabela 1, não estar em sufixo de diminutivo favorece a semivocalização do fonema ([pã'môjã]), com peso relativo de 0,670, ao passo que estar em sufixo de diminutivo desfavorece esse fenômeno.

Tabela 2 - Frequência e probabilidade de semivocalização da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

Localidade	Aplicação / Total	%	P.R.
Humaitá	43/63	68,3	0.783
Lábrea	43/63	68,3	0.783
Boca do Acre	36/62	58,1	0.625
Tapauá	33/64	51,6	0.540
Borba	16/62	25,8	0.213
Manicoré	11/64	17,2	0.129

Input 0.436

Log likelihood -170.162

Significance 0.041

Fonte: Elaboração do autor

A tabela 2 mostra que as localidades de Humaitá, Lábrea, Boca do Acre e Tapauá favorecem a variante semivocalizada da nasal palatal, com os pesos relativos mais altos para as duas primeiras (0,783), aproximando-se as duas últimas do ponto neutro (0,625 e 0,540). Por sua vez, as localidades de Borba e Manicoré desfavorecem a realização desse fenômeno com os pesos relativos mais baixos (0,213 e 0,129).

Tabela 3 - Frequência e probabilidade de semivocalização da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *tonicidade*

Tonicidade	Aplicação / Total	%	P.R.
Em sílaba tônica	101/144	70,1	0.661

Em sílaba átona	81/234	34,6	0.398
-----------------	--------	------	-------

Input 0.436

Log likelihood -170.162

Significance 0.041

Fonte: Elaboração do autor

No que se refere à *tonicidade da sílaba*, observa-se que há um favorecimento da semivocalização do fonema quando esse encontra-se na sílaba tônica ([kõj' ãesõ]), com peso relativo de 0.661, em oposição ao desfavorecimento do fenômeno quando o fonema se encontra em sílaba átona, com peso relativo de 0.398, conforme apresenta a Tabela 3.

Tabela 4 - Frequência e probabilidade de semivocalização da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *idade*

Idade	Aplicação / Total	%	P.R.
20 a 35 anos	98/187	52,4	0.570
50 a 65 anos	84/191	44	0.431

Input 0.436

Log likelihood -170.162

Significance 0.041

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à *idade*, é possível observar na Tabela 4 que, mesmo com pesos relativos próximos ao ponto neutro, os informantes mais jovens favorecem o fenômeno de semivocalização (0.570), enquanto os mais velhos o desfavorecem (0.431).

b) Palatalização da nasal palatal no Sul Amazonense

Na rodada em que se considerou como regra de aplicação a variante palatal [ɲ], as variáveis independentes selecionadas, em ordem de relevância foram *localidade*, *escolaridade*, *sexo* e *idade*, cujos resultados encontram-se nas tabelas de 5 a 8, que seguem:

Tabela 5 - Frequência e probabilidade de palatalização da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

Localidade	Aplicação / Total	%	P.R.
Manicoré	49/64	76,6	0.892

Borba	49/62	74,2	0.879
Boca do Acre	16/62	25,8	0.431
Tapauá	9/64	14,1	0.253
Humaitá	2/63	3,2	0.062
Lábrea	0/63	0	-

Input 0.279

Log likelihood -137.008

Significance 0.026

Fonte: Elaboração do autor

Confirmando a diferença diatópica já observada na Tabela 2, a Tabela 5 demonstra que, no que se refere à variável *localidade*, os municípios de Manicoré e Borba favorecem a realização palatal do fonema, apresentando os pesos relativos mais altos (0.892 e 0.879, respectivamente), enquanto as demais localidades a desfavorecem, com a localidade de Lábrea não apresentando nenhum caso desse fenômeno.

Tabela 6 - Frequência e probabilidade de palatalização da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *escolaridade*

Escolaridade	Aplicação / Total	%	P.R.
10 a 13 anos	70/188	37,2	0.596
4 a 7 anos	52/190	27,4	0.405

Input 0.279

Log likelihood -137.008

Significance 0.026

Fonte: Elaboração do autor

No que se refere à *escolaridade*, como se observa na Tabela 6, os falantes mais escolarizados apresentam um favorecimento para a palatalização do fonema (0.596), ao passo que os menos escolarizados apresentam certo desfavorecimento (0.405). No entanto, é importante observar que os pesos relativos se aproximam do ponto de neutralidade.

Tabela 7 - Frequência e probabilidade de palatalização da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *sexo*

Sexo	Aplicação / Total	%	P.R.
Feminino	68/187	36,4	0.584
Masculino	54/191	28,3	0.418

Input 0.279
Log likelihood -137.008
Significance 0.026

Fonte: Elaboração do autor

Em relação ao *sexo* dos informantes, observa-se na Tabela 7 que há um favorecimento da palatalização entre as mulheres (0.584) e um desfavorecimento entre os homens (0.418), ainda que, mais uma vez, os pesos relativos estejam próximos ao ponto neutro.

Tabela 8 – Frequência e probabilidade de palatalização da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *idade*

Idade	Aplicação / Total	%	P.R.
50 a 65 anos	69/191	36,1	0.575
20 a 35 anos	53/187	28,3	0.423

Input 0.279
Log likelihood -137.008
Significance 0.026

Fonte: Elaboração do autor

Quanto à variável *idade*, a Tabela 8 revela que a palatalização é favorecida pelos informantes mais velhos e desfavorecida pelos mais jovens, mesmo com os pesos relativos próximos ao ponto de neutralidade (0.575 e 0.423).

c) Apagamento da nasal palatal no Sul Amazonense

Por fim, na rodada em que foi considerado como regra de aplicação o apagamento do fonema, as variáveis independentes selecionadas, em ordem de relevância foram *presença no sufixo de diminutivo*, *localidade* e *tonicidade*, cujos resultados encontram-se nas seguintes tabelas, numeradas de 9 a 11:

Tabela 9 – Frequência e probabilidade de apagamento da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *presença em sufixo de diminutivo*

Presença em sufixo diminutivo	Aplicação / Total	%	P.R.
Sim	56/95	58,9	0.917
Não	18/283	6,4	0.308

Input 0.067
Log likelihood -84.793

Significance 0.000

Fonte: Elaboração do autor

Considerando a *presença em sufixo de diminutivo*, é possível notar na Tabela 9 que o apagamento é favorecido quando o fonema se encontra no sufixo *-inho(a)* (kãno **ĩa**), com peso relativo de 0.917, e desfavorecido quando ele não se encontra no sufixo, com peso relativo de 0.308.

Tabela 10 - Frequência e probabilidade de apagamento da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *localidade*

Localidade	Aplicação / Total	%	P.R.
Tapauá	22/64	34,4	0.782
Lábrea	20/63	31,7	0.732
Humaitá	18/63	28,6	0.661
Boca do Acre	10/62	16,1	0.330
Manicoré	4/64	6,2	0.097
Borba	0/62	0	-

Input 0.067

Log likelihood -84.793

Significance 0.000

Fonte: Elaboração do autor

Sobre a variável *localidade*, nota-se, na Tabela 10, que Tapauá, Lábrea e Humaitá são localidades que favorecem o apagamento do fonema, apresentando a primeira o peso relativo mais alto (0.782). As localidades de Boca do Acre, Manicoré e Borba, por sua vez, desfavorecem o apagamento, não apresentando a última, inclusive, nenhuma realização desse fenômeno.

É importante observar que, com exceção de Boca do Acre, as localidades onde se apaga o fonema são as mesmas nas quais a semivocalização é mais frequente: Humaitá, Lábrea e Tapauá. Considerando a coexistência dos fenômenos nessas localidades, assim como o favorecimento do apagamento em sufixo de diminutivo (cf. Tabela 9), desenha-se uma hipótese: o apagamento do fonema é um processo posterior a sua semivocalização. A presença da vogal tônica alta anterior [i] no sufixo *-inho(a)* antecedendo a nasal palatal (neste caso semivocalizada) favorece o seu apagamento. Em outros contextos, a variante que predomina continua sendo a semivogal nasalizada (cf. Tabela 1). Assim, o processo de apagamento da nasal inicia-se pela semivocalização, na qual a nasal mantém apenas o traço de nasalidade; em seguida, quando a vogal tônica é alta

anterior [i], a semivogal sofre assimilação, permanecendo apenas o traço de nasalidade. A baixa ocorrência de apagamento nas localidades em que a nasal palatal [ɲ] é predominante (Borba e Manicoré) e a alta produtividade nas que a semivogal nasalizada [ỹ] é mais frequente (Humaitá, Boca do Acre, Lábrea e Tapauá) fortalecem essa hipótese (cf. Figura 2).

Tabela 11 – Frequência e probabilidade de apagamento da nasal palatal no Sul Amazonense, segundo a variável *tonicidade*

Tonicidade	Aplicação / Total	%	P.R.
Em sílaba átona	73/234	31,2	0.765
Em sílaba tônica	1/144	0,7	0.128

Input 0.067
Log likelihood -84.793
Significance 0.000

Fonte: Elaboração do autor

Com relação à *tonicidade*, de acordo com a Tabela 11, nota-se que o contexto em que o fonema está em sílaba átona, favorece o apagamento (0.765) enquanto o contexto em que está em sílaba tônica o desfavorece. Esse resultado também pode reforçar a hipótese levantada anteriormente, uma vez que das cinco palavras analisadas nas quais o fonema se encontra em sílaba tônica, três têm a vogal alta anterior [i] na sílaba tônica imediatamente anterior à nasal palatal: *botinho*, *canoinha* e *espinha*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM* registra 378 ocorrências de nasal palatal a partir das oito questões investigadas. De modo geral, esse fonema realiza-se prioritariamente como semivogal nasalizada, seguida da realização palatal e do apagamento do fonema.

Evidencia-se a relevância dessa variável dependente para a caracterização linguística do Sul Amazonense, visto que a distribuição das variantes predominantes nas localidades investigadas define duas áreas na mesorregião, uma formada pelos municípios de Manicoré e Borba, caracterizada pelo predomínio da variante palatal e outra pelos demais municípios, caracterizada pelo predomínio das variantes semivogal e zero fonético (apagada), conforme se evidencia na carta síntese fonética S016 (Figura 2).

O agrupamento diatópico representado por Manicoré e Borba pode ter raízes históricas, remontando à ocupação portuguesa na Amazônia do século XVII, como vêm apontando alguns estudos dialetológicos e sociolinguísticos sobre a palatalização no Amazonas, incluindo também as localidades do Médio e Baixo Amazonas – como visto anteriormente – e do Alto Rio Negro – em relação ao /S/ em coda silábica (cf. Cruz, 2004; Torres, 2009; Brito, 2011; Justiniano, 2012; Maia, Martins e Cruz, 2017; Maia, 2018; Maia e Aguilera, 2022). Borba tem sua origem na antiga missão jesuíta do Trocano, assimilando posteriormente também a população de outra missão denominada Santo Antônio das Cachoeiras. Na história de Borba, ainda se podem notar os esforços do governo em sua ocupação, chegando até mesmo a incentivar o casamento entre indígenas e portugueses, com vistas a estabelecer no povoado a primeira vila da recém-criada Capitania de São José do Rio Negro. Já Manicoré, além de ter suas origens na povoação de Crato, recebeu povoamento de mais duas missões que não prosperaram, São Carlos do Jamari e Vila Nova Rainha e ainda o próprio povoado se deslocou e se juntou à Freguesia de Baetas. Nesse sentido, considerando a origem a partir das missões ao longo de um dos primeiros rios explorados na região, o rio Madeira, não pode ser desconsiderada a influência portuguesa dessas localidades. As demais localidades investigadas, por seu turno, têm sua ocupação a partir da exploração da borracha, no século XIX, recebendo um grande contingente de nordestinos, atraídos pelas propagáveis riquezas da *belle époque*.

Às particularidades históricas, acrescentam-se as particularidades geográficas dessas localidades: Manicoré e Borba, por proximidade, acabam mantendo relações mais estreitas com a capital amazonense, enquanto as demais localidades, pelo mesmo motivo, com as capitais rondoniense e acreana. Ainda que não envolvam a nasal palatal, mas outros fonemas como o /S/ em coda silábica e a lateral antecedendo vogal alta [i], algumas pesquisas têm demonstrado que a palatalização é mais frequente em Manaus do que em Porto Velho e Rio Branco (Cardoso *et al.*, 2014; Oliveira e Razky, 2010), por exemplo.

Neste artigo, submeteram-se os dados ao Programa *Goldvarb X*, considerando as variáveis independentes linguísticas *Presença em sufixo de diminutivo* e *Tonicidade*, além das variáveis independentes extralinguísticas *Localidade*, *Sexo*, *Idade* e *Escolaridade*, a fim de analisar a relevância de condicionadores linguísticos e extralinguísticos na caracterização dessa variável, a partir dos fenômenos de semivocalização, palatalização e apagamento.

Observando as variáveis independentes linguísticas, nota-se que a semivocalização ocorre principalmente quando a nasal palatal não está em sufixo de diminutivo e/ou em sílabas tônicas (*conheço, senhor, amanhã*). O apagamento, pelo contrário, ocorre principalmente quando a nasal palatal está em sufixo de diminutivo e/ou em sílabas átonas (*botinho, canoinha, peconha, pamonha, espinha*).

Assim, observa-se que a presença da vogal tônica [i] antes da nasal palatal favorece o apagamento. Nos outros contextos a variante que predomina continua sendo a semivogal nasalizada. Esse quadro permite levantar a hipótese de que o processo de apagamento da nasal inicia-se pela semivocalização, na qual a nasal mantém apenas o traço de nasalidade. Em seguida, quando a vogal tônica é alta anterior [i], a semivogal sofre assimilação permanecendo apenas o traço de nasalidade. Essa hipótese é reforçada pelo fato de que o apagamento apresenta baixa ocorrência nas localidades em que a nasal palatal é predominante e alta produtividade nas localidades em que a semivogal nasalizada é mais frequente. No que se refere à palatalização, as variáveis independentes linguísticas não foram selecionadas como relevantes pelo programa, visto que o maior condicionamento é diatópico, conforme discutido anteriormente.

A análise das variáveis independentes extralinguísticas revela que os condicionadores *sexo, idade e escolaridade*, mesmo selecionados como relevantes para a palatalização pelo programa, apresentam pesos relativos próximos ao ponto neutro. Nesse sentido, fazem-se necessárias maiores investigações para determinar se a variante nasal palatal é mais conservadora e prestigiada, por apresentar maior frequência entre as mulheres, os mais idosos e os mais escolarizados; ou se a variante semivogal nasalizada é mais inovadora e menos prestigiada, uma vez que apresenta maior frequência entre os homens, os mais jovens e os menos escolarizados.

A certeza que se faz latente é de que os fenômenos aqui investigados estão bem distantes de um esgotamento das possibilidades de pesquisas sobre a nasal palatal no falar sul amazonense e menos ainda no falar amazonense. Urge, pelo contrário, que esses falares sejam explorados criteriosamente com fins de continuidade do muito que já foi feito e ao muito que ainda se poderá fazer para que se descreva e conheça com detalhes o Português Brasileiro e mais ainda para que esses conhecimentos possam contribuir para um ensino mais democrático que considere a vasta variedade dessa língua.

REFERÊNCIAS

BRITO, Roseanny Melo de. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas - AFBAM**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2011.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil: Introdução**. v.1. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas I**. v.2. Londrina: Eduel, 2014.

CORRÊA, H. C. de. **O falar do Caboclo: Aspectos Fonético-fonológicos e Léxico-Semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) - PUC, Rio de Janeiro, 1980.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro - ALFARiN**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2012.

MAIA, Edson Galvão; MARTINS, Flávia Santos; CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de Carvalho. **Reflexões sobre a variação do /S/ em coda silábica no falar amazonense: a hipótese de uma isófona**. Web Revista SOCIODIALETO, Campo Grande - MS, v.20, n.07, p. 479-502, nov. -fev. / 2017.

MAIA, Edson Galvão. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM**. 310 p. 2018. Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MAIA, Edson Galvão; AGUILERA, Vanderci de Andrade. A Palatalização no Sul do Amazonas: uma análise a partir do Atlas Linguístico do Sul Amazonense. In: SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira (orgs.). **Tendências da Geolinguística Brasileira e a Nova Geração de Atlas Linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p.123-151.

OLIVEIRA, Marilúcia Barros de; RAZKY, Abdelhak. Imagens Preliminares da Realização variável de /l/ em Posição Prevocálica no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. In: MARÇALO, Maria João *et al* (orgs.). **Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Universidade de Évora, 2010.

SILVA, Rita de Cássia Botinelly Cunha e. **Análise Fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – PUC, Rio de Janeiro, 1980.

THUN, Harald. *La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle*. In: RAENDONCK, D. V. et al. (orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367 - 409.

TORRES, Francinery Gonçalves Lima. **A realização das variantes palatais /ʎ/ e /j/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Solimões)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2009.

Recebido em 02-02-2024

Aprovado em 09-07-2024